

**CONSTRUIR RELAÇÕES, VALORIZAR A DIVERSIDADE - UMA  
EXPERIÊNCIA UNIVERSITÁRIA**

**BUILDING RELATIONSHIPS, VALUING DIVERSITY - A UNIVERSITY  
EXPERIENCE**

**Carlos Diogo Moreira<sup>1</sup>**

carlosdiogomoreira@ulusofona.pt

**Hélia Bracons<sup>2</sup>**

helia.bracons@ulusofona.pt

**Jacqueline Marques<sup>3</sup>**

jacqueline.marques@ulusofona.pt

**Cristiana Almeida<sup>4</sup>**

cristiana.almeida@ulusofona.pt

**RESUMO:** A sociedade portuguesa é uma sociedade diversa e é-o de forma crescente. Diversidade essa entendida como um conceito amplo: eminentemente de carácter cultural (origem étnica, crenças, orientações várias a nível valorativo e/ou comportamental), mas também biossocial (idade, género, capacidade física). A diversidade em Portugal manifesta-se designadamente no ensino superior, em virtude do gradual e significativo aumento de alunos nas universidades pertencentes a diferentes grupos e comunidades. O estudo desta realidade tem-se, porém, até à data, concentrado a um nível restritivo e descritivo, isto é, na análise da evolução de estudantes estrangeiros no país. Importa,

---

<sup>1</sup> Doutor em Ciências Sociais. Professor Catedrático da Universidade Lusófona. Desenvolve investigação sobre Identidade e Cultura.

<sup>2</sup> Doutora em Serviço Social. Professora Associada da Universidade Lusófona. Desenvolve investigação sobre Interculturalidade e Competências Culturais.

<sup>3</sup> Doutora em Serviço Social. Professora Auxiliar da Universidade Lusófona. Desenvolve investigação sobre Política Social e Intervenção Social.

<sup>4</sup> Doutora em Serviço Social. Professora Auxiliar da Universidade Lusófona. Desenvolve investigação sobre Política Social e Intervenção Social.

porém, estudar como a experiência da diversidade é sentida pelos alunos universitários e se essa experiência modela a sua percepção e aceitação da diferença e qual o impacto no seu desenvolvimento pessoal e académico. Para tal, foi aplicado um questionário a 48 estudantes, numa Universidade, em Lisboa. Pôde-se apurar que os diferentes olhares dos estudantes, sobre a sua experiência de diversidade na universidade, revelam que a mesma constitui um fator positivo ao permitir o convívio e interação com a diferença.

**PALAVRAS-CHAVE:** Diversidade; diversidade no contexto universitário; percepção da diversidade em estudantes universitários.

**ABSTRACT:** Ours is a very diverse society and increasingly so. Portugal has become a diversity society and evidence show that such trend is here to stay. Diversity is indeed a broad concept: some diversity is primarily cultural (ethnic origin, beliefs and different orientations of value and behaviours), but also at biosocial level (age, gender, physical capacity). The reality of diversity is increasingly present in the portuguese universities, due to the growing number, in the last decades, of students belonging to different groups and communities. The study of this reality has been focused nevertheless up to now in the evolution of foreign students in the country. It is however clearly relevant to study how the experience of diversity is felt by the university students in order to understand if that experience models the perception and acceptance of difference and which the impact it has on their personal and academic development. To this end, a questionnaire was applied to 48 students at a University in Lisbon. It was possible to verify that the different perspectives of the students, regarding their experience of diversity at the university, reveal that it constitutes a positive factor in allowing coexistence and interaction with difference.

**KEYWORDS:** Diversity; diversity in the university context; perceptions of diversity on university students.

## **Introdução**

Portugal tornou-se nas últimas décadas, e em particular, desde o início do novo milénio, uma sociedade claramente multicultural e multifacetada e a evidência mostra que essa tendência se afirma cada vez mais, quer em dinâmica, quer em diversidade. No que respeita aos migrantes e suas áreas de proveniência, têm-se verificado sinais de alteração significativa do posicionamento no sistema global de fluxos migratórios, como resultado de processos múltiplos (históricos, económicos e sociais). Um exemplo inequívoco é o facto da “lei da nacionalidade evoluir ao sabor de ideologias mais ou menos inclusivas” (Góis & Marques, 2018, p.125), o que por sua vez “alargou o número de cidadãos que fazem parte da comunidade nacional”. Só no espaço de pouco mais de uma década foram aprovados vários processos de regulação extraordinária de imigrantes, o que se traduziu também numa maior visibilidade estatística do fenómeno.

Desde os finais do século XX que se verifica um crescimento da população estrangeira a residir em Portugal registando-se um aumento de 20.514 em 1960 para 698.536 cidadãos estrangeiros com autorização de residência em Portugal em 2021 – 6,8% da população total – (Pordata, 2023a, 2023b). As principais contribuições para tal acréscimo advieram da entrada de cidadãos oriundos da Europa (36,6% dos cidadãos estrangeiros com autorização de residência em Portugal, em 2021, cujas proveniências variam, destacando-se o Reino Unido, a Itália, a Roménia e a Ucrânia), das Américas (32,7% em 2021, dos quais 29% eram provenientes do Brasil), de África (15,4%, em especial de países de expressão portuguesa) e da Ásia (15,3%, oriundos fundamentalmente da Índia, China e Nepal) – (Pordata, 2023a, 2023b).

Já no início do século XXI, o Brasil e os países da Europa do Leste (com relevo para a Ucrânia), além da presença sempre crescente de pessoas do continente asiático, passaram a ter uma clara importância na população de estrangeiros em Portugal. Primeiro, como referem Pedro Góis e José Carlos Marques (2018), por razões “laboralmente induzidas” (p.131), mais recentemente por lógicas de reagrupamento familiar (Marques et al, 2014), por questões de segurança e/ou sobrevivência (em especial, quando oriundos de países em situação de conflito ou guerra) e ainda – aspeto decisivamente novo – por motivos de estudo no ensino superior português (Alves, 2012; Santos, 2020).

Em resultado disso, a bibliografia sobre migrações para Portugal e seu reflexo no conhecimento da realidade cultural do país, aumentou significativamente, consolidando-se, porém, em algumas temáticas específicas: políticas de imigração, regulações jurídicas, cidadania, biografias de imigrantes, educação e práticas culturais.

Atualmente e no contexto europeu, Portugal ocupa já uma posição de destaque no que respeita a estudantes estrangeiros no país, proveniente em especial da América do Sul (com o Brasil em primeiro lugar) e central (44%), de África (30%) e da Europa (em particular do espaço Erasmus: Alemanha, Itália, Espanha, França, Polónia), tendo o número total de alunos quase duplicado de 2011/2012 para 2020/2021. Verifica-se a existência de assimetrias na distribuição de alunos internacionais nas instituições de ensino superior público (78%) e privado (22%), repartindo-se em termos semelhantes entre o centro/sul e o norte do país (Ferreira, 2021,). Em 2020/2021, 86% dos 59.960 estudantes estrangeiros encontravam-se a frequentar graus académicos completos: 50% em licenciaturas, 35% em mestrados e 15% em doutoramentos, verificando-se um crescimento de mais de 130% desde 2014/2015, tendência abrandada (redução de 32%) durante o recente período de maior intensidade da pandemia, mas revelando, no entanto, sinais de retoma a partir de 2020/2021.

A crescente presença de estudantes de diferentes proveniências geográficas e culturais tem sido importante fator de acréscimo de interesse pela diversidade na academia portuguesa (Santos, Antunes, Coutinho, Guedes & Romano, 2021; Santos, 2020).

A diversidade cultural é, não obstante, um conceito muito amplo. A diversidade cultural corresponde à “multiplicidade de formas pelos quais grupos e sociedade encontram a sua expressão” (Unesco, 2015, p.15).

É uma noção que diz respeito aos valores, conhecimentos, categorias, processos e comportamentos através dos quais as comunidades se definem, ou seja, se especificam e diferenciam. De acordo com Moreira (1996, p.76), a diferenciação é feita, assim, em função de múltiplas dimensões e fatores, tais como, “origem, língua, crenças, mas também, sentimentos vários de pertença (frequentemente sobrepostos), idade, género, estatuto, orientação sexual, capacidades/ incapacidades diversas, opções de vida, tudo isso marcando experiências e gerando expectativas e, frequentemente, conflitos”.

A diversidade cultural é, como refere Bracons (2019), fonte de distinção, de diferença, mas é de igual modo, fonte de enriquecimento mútuo, se se admite que o que diferencia uns de outros é base de partida para a construção de um mundo pluricultural.

“(…) cultural diversity is a valuable resource that should be preserved and extended, It affirms that major education institutions should strive to preserve and enhance cultural pluralism” (McCormick, 1984, p. 94).

A diversidade entendida neste sentido abrangente não tem, todavia, até ao momento sido objeto de um número relevante de estudos. Poucos têm, com efeito, abordado diretamente as perceções e expectativas (Alves, 2015) dos estudantes em instituições portuguesas - os dados disponíveis sobre a população universitária têm-se centrado na análise evolutiva do número de inscrito na universidade - e a informação sobre o impacto dessa presença na interação entre alunos em geral, nomeadamente na perceção e relação com o outro, praticamente não tem significado.

### **1. Objeto de análise e metodologia**

O objeto do presente trabalho é – na sequência do que ficou referido na introdução – analisar como a experiência da diversidade é vivida na universidade e, em especial, se essa experiência modela a definição e aceitação da diferença e qual o seu impacto no desenvolvimento pessoal e académico dos estudantes.

Estimou-se pertinente recorrer a um estudo exploratório, baseado numa amostra qualitativa de carácter intencional e sujeito ao critério de saturação teórica com marcador de adequação (Seale, 2012), junto de alunos do 1º ano das Faculdades da Universidade Lusófona em Lisboa onde se regista uma presença mais elevada de estudantes de proveniências várias - Faculdade de Direito, Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias, Escola de Psicologia e Ciências da Vida e Instituto de Serviço Social – tendo sido selecionados (pela aplicação do princípio supra mencionado) 48 participantes.

A recolha de dados foi concretizada através de um questionário *on-line* enviado para os estudantes no mês de abril de 2022. O questionário continha 4 dimensões de análise, a primeira procurava compreender o conceito de diversidade e a existência da mesma na universidade; a segunda pretendia entender a perceção do estudante sobre o seu sentimento e reação perante a diversidade – na entrada na universidade, nos espaços de lazer e nos espaços de trabalho (grupos de trabalho, sala de aula); a terceira dimensão centrou-se no entendimento dos estudantes sobre o impacto do contexto diverso da universidade no entendimento da própria diversidade e no seu desenvolvimento pessoal e/ou académico; finalmente, a última dimensão procurou compreender as expectativas dos estudantes sobre o ambiente na universidade enquanto contexto de promoção da diversidade e respeito pela diferença, nomeadamente sobre o trabalho que é feito e as possíveis ações e estratégias a implementar. Os dados foram tratados de acordo com as dimensões, através da análise de conteúdo categorial.

## **2. Análise e discussão dos resultados**

### **2.1 Conceito de diversidade**

A maioria dos estudantes, 65%, considera a diversidade como sinónimo de variedade, de diferença em diversos domínios: género, aparência, classe social, cultura, etc. Nesse sentido, as respostas apresentavam conceitos como variedade, diferença de gostos, aparências, nacionalidade, comportamentos:

“A diversidade é a diferença de etnias, origens sociais, diferentes sexualidades... basicamente a diversidade é quando existem pessoas de diferentes origens em todos os sentidos”;

“Diversidade é a existência de diferentes gostos, formas de pensar e de ser, que fazem com que todos nós sejamos diferentes, mas que nos consigamos respeitar porque apesar de tudo, somos todos seres humanos e devemos tratar todos de forma igual independentemente de tudo”.

Já para 29% dos estudantes, a diversidade é entendida em relação à cultura do país de origem, existindo uma perceção da diversidade cultural como sinónimo de multiculturalidade ou multiculturalismo. A diversidade como sinónimo de aceitação surgiu na resposta apenas de 6% dos estudantes.

Pelos resultados é possível perceber que a maioria dos estudantes considera a diversidade tendo em conta uma perspetiva geral do conceito. Este entendimento alarga o conceito de diversidade ao envolver as questões étnicas, religiosas, de género, de proveniência social, entre outros fatores identitários. Embora este entendimento alargado permita incluir na diversidade um conjunto alargado de fatores e características ela também pode reduzir o conceito a questões identitárias individuais secundarizando as questões relacionadas como as identidades comunitárias, étnicas e culturais.

### **2.2 Perceção dos estudantes sobre o seu sentimento e reação perante a diversidade**

Tendo em conta a perceção de diversidade, procurou-se saber se os estudantes consideram a Universidade Lusófona como uma universidade diversa. A maioria dos estudantes, 81,3%, considera que sim. Destes, 56,4% consideram que é uma universidade que integra pessoas com diferenças de idades, género, etnia, condição social, aparência, etc. Para 43,6% dos estudantes trata-se de uma universidade diversa pela integração de alunos de outros países.

Para 2,1% dos estudantes esta universidade é “tão diversa como qualquer outra” e 12,5% dos inquiridos consideram que a Universidade Lusófona não é uma universidade diversa, dos quais 1 justifica com o fato de “todos os meus professores são brancos”; 2 consideram que os alunos possuem na maioria um estatuto económico elevado; 1 considera que não existe diversidade étnica 2 não justificam a sua resposta. Dois alunos não responderam a esta questão.

De forma a entender o modo como os estudantes vivenciam e sentem a diversidade considerou-se um conjunto de 3 questões. A primeira referente ao sentimento e reação que tiveram quando entraram na universidade e se depararam com a diversidade, a segunda e a terceira refere-se ao sentimento e reação em espaços de interação de lazer e de trabalho.

A reação aquando da entrada na universidade foi, para 27,1% dos estudantes, de alegria e expectativa, percecionando o ambiente diverso da universidade como uma oportunidade de enriquecimento e aprendizagem.

“Veio-me um sentimento de acolhimento e empatia. Fiquei muito feliz pela universidade onde estou inserida não desvalorizar outras origens”;

“Senti que tinha sido incluída numa turma onde a tolerância havia sido respeitada como valor”;

“Achei interessante, porque assim iria enriquecer a minha cultura (...) com pessoas que têm experiência real de um quotidiano fora de Portugal”.

Para 47,9% dos estudantes o sentimento foi de “normalidade”, já que consideram que a diversidade já fazia parte do seu quotidiano.

“Sempre estive acostumado a estar e a lidar com colegas de qualquer tipo de origens ou aparências”;

“Obviamente reparei na diversidade de etnias, mas não é algo que eu tenha uma "reação", é simplesmente normal”.

O aparecimento de sentimentos de angústia, medo e alguma intimidação surgiu em 12,5% das respostas. Já 4,2% dos estudantes consideram que não se deparam com a diversidade e 8,3% dos estudantes consideram que não deram importância ou não pensaram nisso.

No que se refere ao sentimento e reação dos estudantes inquiridos em contextos de interação de lazer, a maioria, 66,7% dos estudantes, refere que para eles é “normal”, pelo que não sentiram ou reagiram de forma específica nesses convívios. Já para 14,6% dos estudantes o sentimento foi de curiosidade e de vontade de aprender e trocar experiências,

ideias, vivências, costumes. Para 10,4% dos estudantes não existiu qualquer reação, já que consideram que a diversidade não é um fator importante na interação com os outros. A não frequência de espaços de convívio e interação com os colegas foi referido por 4,2% dos estudantes. Com 4,1% resposta cada surge o sentimento de medo e insegurança e o facto de considerar que não encontrou a diversidade na universidade.

Considerou-se a mesma questão – sentimento e reação na interação com pessoas diversas – mas desta vez em contexto de trabalho. As respostas vão ao encontro do sentimento e reação que expressaram nos espaços de lazer. Assim, 72,9% dos estudantes consideram que a sua reação foi “normal”, não existindo diferença na forma de trabalho nem no resultado do mesmo.

Para 20,8% dos estudantes a sua reação foi positiva e encarada como uma oportunidade de aprendizagem e crescimento.

“ (...) é sempre bom poder trabalhar com pessoas diferentes, que tem pensamentos diferentes, logo é uma forma de aprendizagem e de crescimento enquanto aluno e sobretudo como pessoa”;

“ (...) vejo como uma oportunidade de conhecer algo novo, desde novos hábitos, linguagem ou até mesmo modo de pensar”.

O sentimento e reação negativa foram assinalados por 4,2% dos estudantes que referem sentimentos de desconfiança. Finalmente, 2,1% dos estudantes, expressou o sentimento de inferioridade e preconceito que sente no momento de constituição de grupos de trabalho.

A resposta a estas três questões permite concluir que a maioria dos alunos considera a diversidade como “normal” não despertando neles qualquer reação ou sentimento especial. Notamos que estes estudantes justificam essa “normalidade” com o facto de todos os seres humanos serem iguais. Reduzir o entendimento da aceitação da diversidade ao facto de sermos todos seres humanos não pressupõe uma verdadeira aceitação da identidade do outro, que implica a aceitação dessa diferença (sua real existência), tolerância mútua e interação cultural. Esta conceção de heterogeneidade sem trocas e com níveis de interação baixa ou controlada baseia-se numa ideia de convivência pacífica (Lages & Matos, 2009).

Tendo em conta as respostas apresentadas considera-se que a maioria dos estudantes possui uma conceção de diversidade social que se integra na doutrina da integração cultural, já que partem do pressuposto da igualdade de todos os seres humanos, mas neutralizam, com esse pressuposto, a diferença e a identidade (diferente) do outro.

Saliente-se, no entanto, que existe um número de alunos (segunda resposta mais assinalada) que encara a diversidade de um ponto de vista de pluralismo cultural, na qual a diversidade é entendida como um valor, na qual a diferença é respeitada como um bem a preservar. Nesse sentido, procuram entender e aprender com a diversidade étnica, de género, de idade, de estatuto social, religião, etc. Esta forma de reconhecimento da diversidade implica um entendimento reflexivo, quer em relação ao próprio, quer em relação ao outro, uma interação real que permite uma negociação e renegociação da nossa própria identidade pessoal, cultural, social, etc. baseada no respeito e valorização pela identidade e diferença do outro.

Nas duas questões seguintes, procurou-se conhecer a perceção dos estudantes sobre a diversidade existente na universidade e eventual influência no seu desenvolvimento pessoal e/ou académico.

A maioria dos estudantes (62,5% dos inquiridos) considera não ter existido qualquer alteração na sua perceção de diversidade com a entrada na universidade e com a experiência de contacto com a mesma. A quase totalidade desses estudantes justificam essa resposta com o facto de já possuírem uma ideia estruturada de diversidade que consideram que não irão alterar.

“Nenhuma. Já tenho uma perceção bastante definida em relação a diversidade”;

“Não tive muitas mudanças nesse aspeto pois já conhecia alguém que tinha frequentado a mesma e me tinham falado sobre isto”.

Para 14,6% dos estudantes a experiência de frequência na universidade trouxe uma alteração no seu entendimento da diversidade que consideram positiva, já que permitiu uma maior consciencialização da diferença e um sentimento de aceitação do outro.

“(…) melhorou a minha aceitação do outro”;

“Melhorei a capacidade de aceitar ainda melhor a diversidade”.

Salientamos uma resposta (2,1%) na qual o estudante embora considere que melhorou a sua aceitação do outro acaba por considerar a diversidade como um aspeto negativo.

“Tem sido importante este convívio com malta mais nova e diferente. Embora continue a achar que se dá demasiado protagonismo à diferença, um dia destes ser ‘normal’ é que está mal”.

Os restantes 20,8% dos inquiridos não responderam.

No que se refere ao modo como um ambiente diverso na universidade contribui para o seu desenvolvimento pessoal e/ou académico, 83,3% dos estudantes consideram ter

existido um contributo positivo. Destes, 52,5% consideram que contribuiu para melhorarem a sua capacidade de respeito pela diversidade embora não indiquem uma transformação pessoal ou académica que resulte dessa interação com a diferença.

Já 45% dos estudantes consideram que a possibilidade de convívio com a diversidade permitiu um desenvolvimento pessoal, uma aprendizagem e negociação com a diferença do outro.

“Se uma pessoa vem de outro país, se tem outra etnia, costumes, etc., vai obviamente ter outro tipo de opiniões, outro tipo de visão de um certo assunto, e acho que isso pode ser muito bom para que a nossa cabeça não seja apenas a opinião de quem viveu sempre no mesmo país”;

“O contacto com outras culturas, religiões e tudo o que advém daí, irá permitir um ‘abrir horizontes’ e um abrir da mente, no sentido que podemos aprofundar a nossa cultura mas também, permite-nos ‘olhar o outro’ acima de tudo”;

“Contribui para um maior desenvolvimento enquanto pessoa, pois estou em contacto com outros indivíduos com outros conhecimentos, competências e pontos de vista”.

Para 8,3% dos estudantes a experiência de frequência da universidade não gerou qualquer alteração significativa no seu desenvolvimento pessoal e académico.

“Atualmente não me causou grande mudança, porque já adoto uma maneira de pensar mais aberta e sem preconceitos”;

“Para mim pessoalmente não contribui muito porque não dou importância a etnias diferentes, apenas a se a pessoa é boa pessoa”.

O sentimento de discriminação na universidade foi assinalado por 2,1% dos estudantes como razão para que a sua frequência universitária não contribuir para o seu desenvolvimento pessoal e/ou académico, nalguns casos tornado bem evidente.

“ (...) quando me formar, não quero continuar no país devido a todo preconceito que sofro”.

Os restantes 6,3% dos estudantes não responderam.

Estas respostas vão ao encontro das anteriores e demonstram que o respeito pela diversidade não pode ser o apenas o ato de identificação da diferença e tolerância da mesma. Requer uma capacidade de acolhimento da diferença e de aprendizagem intercultural (Sam, 2006). Os estudantes, embora nas suas respostas demonstrem tolerância pelo outro (enquanto ser humano), apresentam uma atitude de fechamento ao considerar que um novo contexto de diversidade social não lhes proporciona qualquer

aprendizagem e/ou impacto. Trata-se da renúncia da aprendizagem com o outro e da impossibilidade de negociar e renegociar a sua identidade através da aprendizagem dos significados e diferenças do outro.

Num artigo coordenado por Rego (2006), os autores consideram que “não abordar a questão do outro diferente cultural na nossa sociedade, cada vez mais complexa e comunicada, significa a exclusão e a manutenção de muros de separação de uns sobre os outros” (p. 55). Arrisca-se concluir que, embora envolvido num discurso de tolerância e humanismo, a maioria das respostas demonstram uma dificuldade em integrar a diferença do outro. Considerar a diversidade isenta de conflitos e resistências internas é uma forma de negar a sua real existência, já que “os encontros culturais podem providenciar, tanto a nível individual, como coletivo, uma visão do mundo enriquecida e mais comprometida, embora simultaneamente possam gerar conflitos e resistências internos e com os Outros” (Abdallah-Preteille, 2005; Sam & Berry, 2006, citado em Dalcin & Freire, 2019, p. 57).

### **2.3 Expectativas dos estudantes sobre o ambiente na universidade enquanto contexto de promoção da diversidade e respeito pela diferença**

No sentido de compreender as expectativas dos estudantes sobre o papel da universidade as duas últimas questões procuram perceber o seu entendimento acerca do ambiente na universidade enquanto contexto para a promoção da diversidade e respeito pela diferença e sobre possíveis estratégias para melhorar esse ambiente.

Para 54,2% dos estudantes, a Universidade Lusófona promove a diversidade e o respeito pela diferença através da possibilidade de convívio com outros e do tratamento igualitário e não discriminatório por parte dos colaboradores docentes e não docentes.

“Acho que promove, pelo facto de as pessoas se sentirem bem acolhidas e respeitadas dentro da universidade (...) as pessoas são todas muito respeitadoras e inclusivas”;

“Ao estarmos em total convivência com outras culturas, temos de nos adaptar ao outro”.

A concretização “em parte” de um contexto para a promoção da diversidade e respeito pela diferença pela universidade foi considerada por 22,9% dos estudantes. Na maioria justificam a sua resposta com o facto de a aceitação ser relativa, já que embora seja tolerante com a diferença não promove espaços de interação e estratégias de inclusão formais e informais.

“A Lusófona é um espaço onde deveria estar acontecer debates sobre o tema”;

“Não sinto que a universidade seja um elemento ativo, no entanto, também não oferece resistência ou atrito em questões de relacionamento de culturas e respeito pelas diferenças”.

Para 8,3% dos estudantes a universidade não promove especialmente a diversidade e respeito pela diferença, justificando com a falta de espaços de convívio e com a atitude discriminatória de alguns estudantes.

Os restantes 14,6% dos alunos não sabem ou não respondem.

No que se refere às propostas para melhorar o ambiente diverso na universidade, 60,4% dos estudantes consideram que a universidade poderia: promover eventos e convívios, organizar debates e campanhas de sensibilização, promover o respeito embora não explicitem de que modo, acolher mais alunos internacionais e integrar o ensino de inglês para todos os alunos.

Para 25% dos alunos acham que a universidade já promove as ações necessárias e suficientes e consideram que se trata de uma tarefa individual e pessoal e não da competência da universidade. Os restantes 14,6% dos estudantes responderam que não sabiam.

### **Considerações finais**

Em síntese, os diferentes olhares que os resultados da aplicação do questionário suscitaram, nestes estudantes, sobre a sua experiência de diversidade na universidade, revelam que a mesma constitui um fator positivo ao permitir o convívio e interação com a diferença. No entanto, salienta-se que na sua maioria os estudantes reduzem o “ganho” a uma perceção da diferença e não a traduzem numa real aprendizagem e crescimento, como uma possibilidade de ganharem novas leituras do outro, de si próprio e da sua própria cultura.

Tal parece dever-se à noção de respeito pela diversidade assente no pressuposto da igualdade e de “sermos todos seres humanos”, negligenciado que a inclusão implica não só esse pressuposto como a abertura e disponibilidade para a aprendizagem e conhecimento do outro. Como aponta Bracons (2019), pensar a humanidade na sua diversidade é, na verdade, um trajecto semeado de escolhas que exige a abertura de uns e outros face à alteridade: preconceitos, estereótipos, etnocentrismos, em suma opiniões e atitudes pré elaboradas que têm em comum a característica de reduzir as particularidades.

Para a maioria, a diversidade é um dado neutro e já adquirido. Deste modo, a interação é, por um lado “pensada de forma superficial e ingênua, reduzindo-a a uma celebração de uma "estética intercultural" (Aguilar-Idáñez & Buraschi, 2018), sem ter em conta a natureza dinâmica, fluida e flexível das culturas e a complexidade das relações de dominação existentes nos espaços multiculturais” e sem desconstruir estereótipos. E, por outro lado, não parece contribuir para o desenvolvimento pessoal.

Neste sentido, é elementar repensar o papel do ensino superior na atualidade no que se refere às questões da diversidade social e cultural. Nesse sentido, Peinado (2000) considera fundamental que as instituições educativas, nomeadamente as universidades, integrem as questões relacionadas com “o próprio fundamento da existência humana e da sociedade, como a paz, direitos humanos e o respeito pelo meio ambiente. Isto favoreceria um tipo de personalidade humanista e respeitosa com a liberdade e a justiça” (p.114). Para a autora trata-se de aceitar a universidade como um espaço não neutro, um espaço com a responsabilidade do ensino da cidadania, e de transmissão de um “modelo de sociedade e pessoa” baseado nos “princípios da liberdade, justiça, democracia, tolerância, solidariedade, cooperação, pluralismo, diversidade cultural, diálogo e entendimento a todos os níveis da sociedade” (p.114). Esta dimensão no ensino também é invocada por Carlinda Leite (2003) que considera que a educação deve ser um meio de “formação pessoal e social, educar para a multiculturalidade, educar para a cidadania” (p. 90).

É, portanto, fundamental que a diversidade na universidade não se resuma ao “tornar igual”, mas sim a valorização das diferenças de modo a desconstruir os limites e fronteiras simbólicas “que marcam as diferenças entre 'nós' e 'eles’” (Aguilar-Idáñez & Buraschi, 2022, p.17). Caso contrário a universidade poderá contribuir para “a folclorização das diferenças, uma vez que se trata de um culturalismo adocicado, uma visão "de montra" das culturas, contribuindo, assim, para o risco de reproduzir uma visão redutora e estática das culturas e de aprisionar as pessoas em categorias estereotipadas, mais próximas dos guias turísticos do que da sua realidade pessoal” (Aguilar-Idáñez & Buraschi, 2022, p.12).

Para tal a universidade necessita de desenvolver ações que impliquem o reconhecimento do outro e a construção de uma (nova) cidadania baseada na participação e compromisso. A universidade possui um elevado potencial de diversidade social e cultural e, por isso, uma responsabilidade para com seus estudantes e a sociedade como um todo no sentido da educação para uma cidadania que considere a diversidade como um valor, que promova o diálogo, reciprocidade e o reconhecimento dos outros. Como refere María-José Aguilar-Idáñez e Daniel Buraschi (2022) é necessário “reinventar a

cidadania e a democracia como ações sociais de transformação realizadas pela totalidade dos cidadãos” (p.19). Partindo da proposição de Moreira (1996, p. 71), “Somos todos seres humanos (...) mas somos humanos diferentemente”, há um apelo para o encontro com os outros, com as outras culturas, com as pessoas diferentes, tendo consciência que a escolha e a opção é de cada um enquanto cidadão e profissional do Mundo.

Não temos dúvidas que, familiarizar-se com novos saberes, atitudes e culturas diferenciadas implica uma atitude de abertura, reciprocidade e sensibilidade. O caminho a percorrer não é fácil nem linear, mas é um processo de aprendizagem diária e uma aprendizagem ao longo da vida (Bracons, 2019).

### **Referências Bibliográficas**

Aguilar-Idáñez, M.J. & Buraschi, D. (2022). “Pistas para renovar a ação social antirracista”. *Revista Temas Sociais*, n. °2, (pp. 7-30) Retirado de:

<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/temassociais/article/view/8250>

Alves, E. P. (2012). *A imigração de estudantes internacionais para a União Europeia: o caso português*. SEF, Serviços de Estrangeiros e Fronteira.

Alves, E. (2015). *Da palavra polida: uma análise da linguagem poética de Lavoura arcaica de Raduan Nassar*. [Tese de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa. Retirado de:

<http://hdl.handle.net/10451/38145>

Bracons, H. (2019). *Conhecer para intervir: competência cultural no Serviço Social*. Editorial Cáritas.

Bracons, H. (2018). “Cultura, diversidade, interculturalidade e mediação: perceções dos estudantes de Serviço Social”. *Revista Migrações - Número Temático Mediação Intercultural*, 15, (pp. 12-27).

Carmo, H. (2005). Multiculturalidade e educação a distância: o desafio da diversidade. In Carvalho, Dulce; Vila Maior, Dionísio; Teixeira, Rui de Azevedo (orgs.). *Des(a)fiando discursos: Homenagem a Maria Emília Ricardo Marques* (pp. 159-177). Universidade Aberta. Retirado de: <http://hdl.handle.net/10400.2/346>

Dalcin, V.L. & Freire, I. (2019). Perceções de estudantes universitários portugueses acerca da mobilidade estudantil. Que contributo para o desenvolvimento da interculturalidade?. In Susana Gonçalves; José J. Costa (coords.) *Diversidade no ensino superior. Coleção Estratégias de Ensino e Sucesso Académico: Boas Práticas no Ensino*

Superior (pp. 51-80). Cinep- Centro de inovação e estudo da pedagogia no ensino superior. Retirado de:

[https://www.ipc.pt/ipc/wp-content/uploads/2021/05/Diversidade-ES-\\_Colecao-Estrategias-Ensino.pdf](https://www.ipc.pt/ipc/wp-content/uploads/2021/05/Diversidade-ES-_Colecao-Estrategias-Ensino.pdf)

Ferreira, P.J. (2021, 30 de novembro). Reitor da Universidade de Aveiro revela que "há ainda um mercado bastante importante" para captar alunos estrangeiros. Terra Nova. Retirado de: <https://www.terranova.pt/noticia/sociedade/reitor-da-universidade-de-aveiro-revela-que-ha-ainda-um-mercado-bastante>

Góis, P. & Marques, J.C. (2018). Retrato de um Portugal migrante: a evolução da emigração, da imigração e do seu estudo nos últimos 40 anos. In e-cadernos CES [Online], 29, (pp. 125-152). Retirado de: <https://doi.org/10.4000/eces.3307>

Lages, M. F. & Matos, A. T. (2009). “Da multiculturalidade à interculturalidade”. *Povos E Culturas*, (13), (pp.9-43). Retirado de:

<https://doi.org/10.34632/povoseculturas.2009.8668>

Leite, C. (2003). *Para uma Escola Curricularmente Inteligente*. Edições ASA

Marques, J.C.; Góis, P. & Castro, J. M. (2014). Impacto das Políticas de Reagrupamento Familiar em Portugal. In Estudos do Observatório da Imigração, 53. Alto-Comissariado para as Migrações (ACM, IP). Retirado de:

<https://www.om.acm.gov.pt/documents/58428/177157/ESTUDO+53.pdf/966d8e07-8fea-4088-ad3f-1e2149ce6b38>

McCormick, T. (1984). Multiculturalism: some principles and issues. *Theory into Practice*, 23(3). Retirado de: Doi:10.1080/00405848409543097

Moreira, C. D. (1996). *Identidade e Diferença. Os Desafios do Pluralismo Cultural*. Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.

Peinado, M. M. (2000). “La educación para la paz en el nuevo milénio”. *Papeles*, n.º 72, (pp.107-123). Retirado de:

[https://www.academia.edu/2081259/La\\_educaci%C3%B3n\\_para\\_la\\_paz\\_en\\_el\\_nuevo\\_milenio](https://www.academia.edu/2081259/La_educaci%C3%B3n_para_la_paz_en_el_nuevo_milenio)

Pordata (2023a). População estrangeira com estatuto legal de residente. Retirado de: <https://www.pordata.pt/Portugal/Popula%C3%A7%C3%A3o+estrangeira+com+estatuto+legal+de+residente+total+e+por+algumas+nacionalidades-24>

Pordata (2023b). População estrangeira com permanência regular em % da população residente. Retirado de:

<https://www.pordata.pt/portugal/populacao+estrangeira+com+permanencia+regular+em+percentagem+da+populacao+residente+total+e+por+sexo-533>

Rego, M. A. S. (coord), Balerdi, F.E., Vallejos, R. M., Sierra, J. A. J., Moledo, M. M. L. & Romá, C.R. (2006). “Contribución del discurso intercultural a una nueva Teoría de la Educación”. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 40 (2), (pp.37-72). Retirado de: <http://hdl.handle.net/10347/18542>

Sam, D. L. (2006). Acculturation: conceptual background and core components. In David, L. S. & John, W. B. (Eds.). *The Cambridge handbook of acculturation psychology* (pp.11-26). Cambridge University Press. Retirado de:

<https://doi.org/10.1017/CBO9780511489891>

Santos, P. M., Antunes, S. M. G., Coutinho, E., Guedes, A. & Romano, C. (2021). Multiculturalidade no ensino superior: O desafio da inclusão de estudantes estrangeiros numa instituição de ensino superior. *IV CIAIS*, (pp. 297-312).

Seale, C. (2012). Sampling in qualitative research. In Becker, S., Bryman, A., Ferguson, H. & Swift, R. (Eds.). *Understanding research for social policy and social work: Themes, methods and approaches* (pp. 286-290). Bristol University Press. Retirado de: <https://doi.org/10.2307/j.ctt1t892hf>